

Branqueamento rosa de vidas “ inumanas”: O conflito israelo-árabe entre a misoginia e a homofobia

Shahd Wadi

Em Maio de 2011, o primeiro-ministro israelita fez um discurso ao congresso dos Estados Unidos da América, no qual afirmou que, numa região como o Médio Oriente, “onde as mulheres são apedrejadas, os gays são enforcados, os cristãos são perseguidos, Israel destaca-se. Israel é diferente.” Apesar de ser um corpo estranho introduzido no espaço do Oriente, Israel reproduz o discurso de uma xenofobia europeia, na qual o Ocidente (onde Israel se auto inclui) é considerado “desenvolvido, democrático e moderno” enquanto o Oriente é considerado “subdesenvolvido, misógino e homofóbico”. Israel não só reforça esta ideia, ignorando as práticas discriminatórias da sua própria sociedade, como também a utiliza deliberadamente como poderoso instrumento estruturante no conflito Israelo-Árabe.

Identificar o mundo árabe com o desrespeito pelos direitos das mulheres e pelos direitos LGBT é uma estratégia usada para apagar as violações dos direitos humanos do povo palestino, que ficam ocultos atrás de uma imagem de um “Israel moderno”, algo que foi designado por alguns grupos *queer* como branqueamento rosa (pinkwashing). Pretende-se observar os projetos israelitas de “pinkwashing”, altamente financiados pelo estado, e analisar uma representação que transforma os ataques israelitas numa “guerra justa” contra uma “cultura sanguinária”. Trata-se de uma representação que – invocando a definição do humano de Butler (2004) – nega a humanidade a certos tipos de seres humanos, atribuindo-lhes o estatuto de seres cuja morte não merece ser chorada.